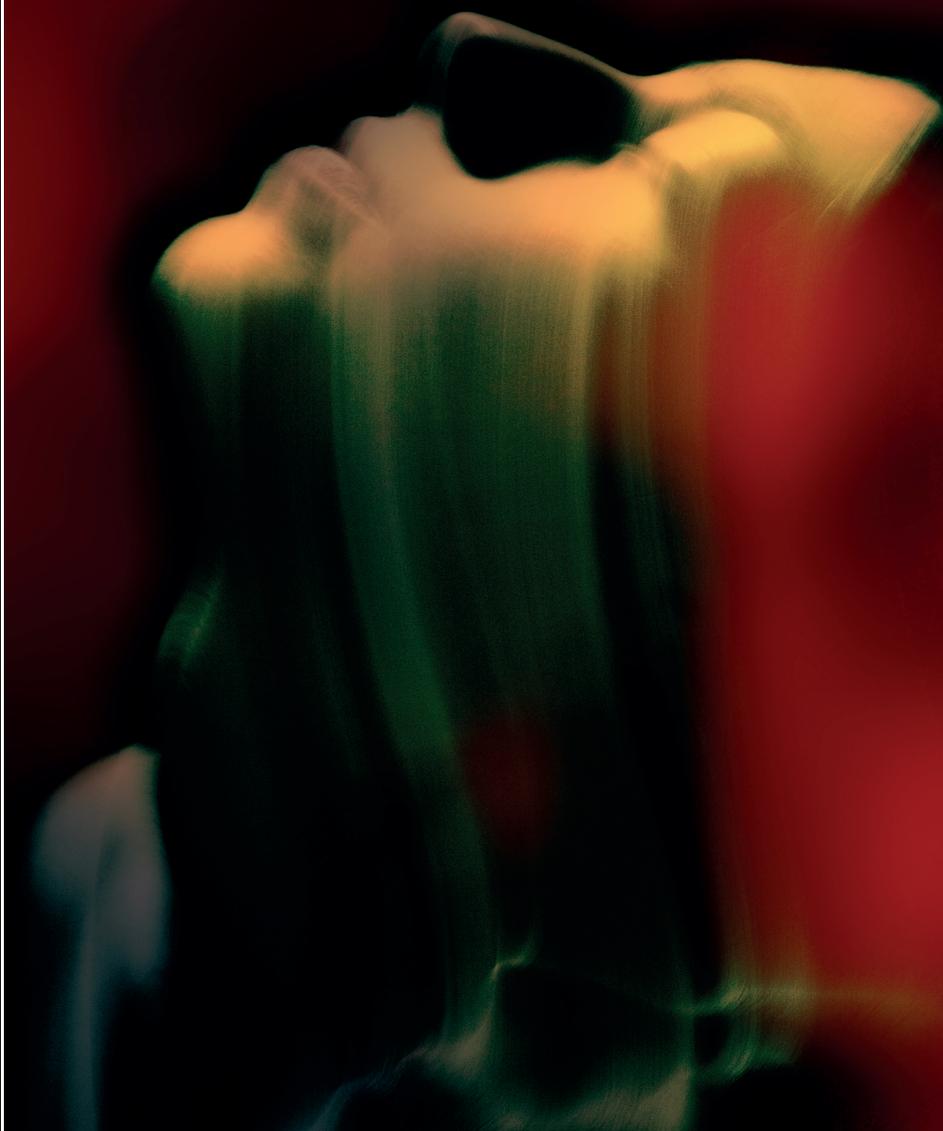


ALFAGUARA

# Marie NDiaye

## A vingança é minha

Tradução de Tânia Ganho



O homem que, a 5 de janeiro de 2019, lhe entrou timidamente, quase a medo, no gabinete de advocacia: a Dr.<sup>a</sup> Susane soube de imediato que já o tinha visto, havia muito tempo, e num lugar cuja recordação lhe veio à mente de uma maneira tão exata, tão brutal, que ela teve a sensação de levar uma pancada violenta na testa.

A cabeça recuou ligeiramente, de modo que ela não conseguiu responder logo ao bom-dia, um murmúrio embaraçado, do seu visitante, e um certo constrangimento perdurou entre eles, mesmo depois de a Dr.<sup>a</sup> Susane se ter recomposto, o ter cumprimentado com amabilidade, sorridente, cordial, reconfortante como fazia questão de ser, à partida, com quem quer que a viesse consultar ao seu escritório.

Por duas vezes, esfregou a testa, mecanicamente, convencida de que ali tinha um vago ferimento, pondo a seguir o assunto de parte.

Quando, à noite, sentada na cama, levasse novamente uma mão lenta e pesada à testa, suspendendo o gesto porque, na realidade, não tinha dor nenhuma, lembrar-se-ia bruscamente da pancada que sentira ao ver entrar no seu gabinete aquele homem discreto, franzino, insignificante tanto de cara como de corpo.

O seu espanto foi considerável: porque é que sentira sofrimento e não alegria?

Porque é que, convencida de que voltava a ver, passados trinta e dois anos, uma pessoa que a encantara, tivera a impressão de que a queriam matar?

A Dr.<sup>a</sup> Susane escutou Gilles Principaux durante muito tempo, pensando várias vezes: conheço-te e conheço a tua história, e confundindo assim a sua certeza de se ter relacionado, em tempos idos, com aquele homem e o que ela sabia, por ter lido na imprensa, acerca da grande desgraça que se abatera sobre ele.

Nunca, durante aquela reunião, ele lhe deu pistas para ela poder adivinhar se ele se recordava de já a ter visto, nem sequer se eventualmente essa recordação distante teria influenciado a sua decisão de a procurar.

Porque, na realidade, de que processos importantes é que a Dr.<sup>a</sup> Susane se podia fazer valer?

Que teria impellido, perguntava-se ela, um homem abastado, destroçado mas lúcido, a escolher a Dr.<sup>a</sup> Susane para defender a sua mulher, a não ser, porventura, uma nebulosa, supersticiosa fidelidade aos instantes luminosos que a vida lhes oferecera?

Todavia, Principaux nada lhe disse acerca das razões da sua escolha, por muito confusas ou tolas que fossem.

Fixou a Dr.<sup>a</sup> Susane com um olhar inicialmente esquivo e que, depois, se tornou cada vez mais seguro, à medida que respondia às perguntas dela, e a Dr.<sup>a</sup> Susane conseguiu discernir, apesar dos esforços dele, nesse olhar pousado no seu rosto o indício de um «eu conheço-te».

Como não lhe podia perguntar «porque é que me procurou, se não sou uma advogada de renome em Bordéus, e tendo em conta a gravidade do processo?», informou-o de que a mulher dele, Marlyne Principaux, a arguida, teria de aceitar oficialmente que a Dr.<sup>a</sup> Susane a representasse.

Estava ela de acordo com isso?

— Claro que sim — respondeu ele, num tom tão óbvio e, de repente, com qualquer coisa de tão seco, tão antipático nas suas feições crispadas, que a Dr.<sup>a</sup> Susane duvidou, por um segundo, de que tinha diante de si o homem que ela nunca esquecera.

— O doutor Lasserre, o atual advogado da minha mulher... nós não gostamos dele, nem a Marlyne nem eu — dissera-lhe Principaux, à chegada. — Assim sendo, quero que mudemos para outra pessoa, para o bem da Marlyne.

No momento em que Principaux se levantou para se ir embora, ela perguntou-lhe se, em tempos, vivera no bairro de Caudéran.

— Sim — disse ele —, quando era jovem, porquê?

Ele sorriu-lhe, então, e todo o seu rosto se animou, alegre, pueril, subitamente dotado de um charme em que a Dr.<sup>a</sup> Susane reparou com mais avidez precisamente por esse mesmo rosto lhe ter parecido, um minuto antes, e para sua enorme desilusão, quase repulsivo.

Mas por que razão havia ela de se sentir desiludida, quer Principaux fosse a pessoa de quem ela se lembrava, quer não tivesse nada que ver com isso?

Respondeu-lhe, apanhada de surpresa, que na infância conhecera uma família de Caudéran.

Não precisou de o ouvir exclamar «há imensas famílias em Caudéran!» para se aperceber do absurdo da sua própria resposta.

De facto, vivia muita gente em Caudéran.

*Quem era, para ela, Gilles Principaux?*

*Como ter a certeza, como confiar nessa intuição emocionante, dolorosa, inquietante de que ele era o adolescente por quem ela se apaixonara para todo o sempre, em tempos idos, numa casa de Caudéran que ela seria incapaz de reconhecer hoje?*

A Dr.<sup>a</sup> Susane deu por si, surpreendida, a gaguejar:

— Como é que se chamava a família? — perguntou-lhe Principaux, com um ar de expectativa entusiasmada, como se se comprazesse já com o nexa que conseguiria estabelecer entre essas pessoas e ele próprio, como se, refletiu ela, se regozijasse com a perspectiva de dever, se necessário fosse, inventar um laço plausível entre essa família e ele, para dar à Dr.<sup>a</sup> Susane o prazer de uma convivência, de uma ligação entre todas as coisas.

— Não sei, quer dizer, já não sei — murmurou a Dr.<sup>a</sup> Susane.

Disse-lhe, por fim, retomando o seu tom de advogada, que esperava então pela carta da Sr.<sup>a</sup> Principaux a designá-la como sua representante.

Abriu a porta, apagou-se para o deixar sair.

Ele encostou-se ao lambrim e, numa voz agonizante, cavernosa, soltou:

— Só a senhora nos pode salvar.

Mais tarde, a Dr.<sup>a</sup> Susane poria em causa a sua memória, incapaz de concluir se ele tinha dito «nos salvar» ou «me salvar».

Ele acrescentou uma banalidade qualquer, do estilo:

— Vai-nos tirar deste pesadelo, não vai?

O que espantou a Dr.<sup>a</sup> Susane.

A esperança de se ser libertado dos efeitos de um erro judicial atroz, de um abominável equívoco, era algo que ela podia perfeitamente compreender.

Mas, naquele caso específico, o pesadelo não era fruto de nenhuma confusão, de nenhum mal-entendido, era a própria vida daquele homem, e os atos que destroçavam essa vida tinham ocorrido e não podiam ser desfeitos, porque os mortos não iam sair do seu sonho para nascerem uma segunda vez.

Quereria Principaux, disse ela para consigo mesma, que o acordassem?

Pensaria ele realmente que, na sua vida posterior, numa manhã límpida e diáfana, os seus filhos correriam de novo para ele, intactos, alegres e cândidos?

De que sonho ao certo queria ele, graças à Dr.<sup>a</sup> Susane, ver-se livre?

Quando ela chegou a casa, nessa noite, a chuva gelada tinha acabado de levar à suspensão do serviço do elétrico.

Na véspera, ao sentir os sapatos a patinar no passeio coberto de gelo, o seu primeiro pensamento foi para Sharon.

Espero que ela tenha conseguido apanhar o elétrico a tempo, ter-se-á dito a Dr.<sup>a</sup> Susane, que não gostava de ver a sua empregada de limpeza ir embora de bicicleta, na noite glacial.

Mas, nessa noite, não pensou em Sharon, demasiado empenhada em recordar cada pormenor da visita de Principaux, ansiosa ao constatar que certas palavras que ele proferira não tinham ficado gravadas com rigor na sua memória (ele dissera «a minha mulher» ou «a minha esposa», dissera o nome próprio ou ela julgava lembrar-se

do nome Marlyne por o ter lido no jornal?), e com pressa de chegar a casa para apontar o que retivera na cabeça.

*Quem era Gilles Principaux para ela?*

Assim, quando abriu a porta e deparou com o corredor, a sala, a cozinha, tudo ostensivamente iluminado, teve uma breve reação de susto, porque se tinha esquecido de que talvez Sharon ainda lá estivesse, apesar do elétrico imóvel na paragem e de a advogada sempre lhe ter dito que ela podia voltar para casa quando lhe fosse mais conveniente, quer o trabalho (escasso, na verdade) estivesse feito, quer não.

Sempre dissera ou dera a entender a Sharon que gostava mais de saber que ela estava em casa a tratar tranquilamente dos seus filhos, a ajudá-los a fazer os deveres e a pensar cuidadosamente no seu futuro, do que de a encontrar em sua casa a uma hora tardia.

Incomoda-me, pensava a Dr.<sup>a</sup> Susane sem se atrever a dizer-lhe, que considere indispensável esfregar uma banheira na qual nunca tomo banho de imersão, lavar todas as semanas os vidros limpos através dos quais os meus olhos, de qualquer maneira, nunca olham, e a sanita que eu limpo escrupulosamente todos os dias para que você nunca seja obrigada a ter o mínimo contacto com a minha intimidade, sim, não se atrevia a dizer-lhe isso, incomoda-me imenso que você leve à letra o meu desejo de contratar alguém para zelar pela minha casa e que, por ser honesta, arranje uma maneira de passar horas a aperfeiçoar maniacamente o que eu já fiz por uma questão de decência, de pudor, isso incomoda-me, sim, não podia dizer a Sharon que até aí nunca sentira necessidade de ter uma empregada, que admitia até sentir um inegável preconceito em relação a tal necessidade.

Sharon, eu emprego-a por militância, para a ajudar e para apoiar uma causa que defendo, portanto não é necessário mostrar-se, perante mim, escrupulosa, reta, irrepreensível, como se receasse que eu estivesse insatisfeita consigo, estarei sempre satisfeita, Sharon, pois na verdade não lhe peço nada, calava a Dr.<sup>a</sup> Susane, uma vez mais por decência, embora de outra índole.

O seu coração surpreendido ainda não se tinha acalmado quando Sharon foi ao seu encontro no corredor.

A Dr.<sup>a</sup> Susane deu-lhe, como era seu hábito, um breve abraço, sentiu o seu coração bater contra o peito mudo, sereno, imperturbável de Sharon, que nunca manifestava fisicamente — sempre forte, fatalista e alegre — que a sua vida pudesse ser mais difícil do que a da Dr.<sup>a</sup> Susane.

Aliás, por vezes até lhe parecia que Sharon tinha pena dela.

Fosse como fosse, a advogada conseguira fazer dessa suposição um motivo de brincadeira quando a convidavam para um jantar e ela julgava que tinha de pagar a sua quota-parte de histórias divertidas, que ela própria não recebia.

Lançava, então, inflamada e cínica, trocista e angustiada:

— Imaginem só que a minha Sharon não tem inveja nenhuma de mim, antes pelo contrário!

E os amigos riam-se, depois assumiam um ar sério para analisar os motivos que impediam Sharon de se aperceber a que ponto a Dr.<sup>a</sup> Susane a superava no plano da felicidade, que impediam Sharon de compreender que devia aspirar a ser a Dr.<sup>a</sup> Susane e não ela própria, mauriciana sem visto de residência, dotada mas sobrecarregada com dois filhos de futuro bastante incerto e um marido em quem a Dr.<sup>a</sup> Susane vislumbrava uma depressão profunda.

Não passaria, no entanto, de pura especulação?

É que Sharon nunca lhe mostrava nada, a não ser um rosto sereno, e o seu coração batia suavemente e de modo quase impercetível quando a Dr.<sup>a</sup> Susane a abraçava, ela sim com o coração desenfreado a tentar, em vão, desvendar o de Sharon, conduzi-lo ao seu nível devido de fúria e revolta... mas com que objetivo?

A Dr.<sup>a</sup> Susane não sabia responder.

— Sharon, já se devia ter ido embora, não há elétrico esta noite.

A Dr.<sup>a</sup> Susane apagou as luzes fortes do teto.

Sharon, não é necessário acender todas as luzes do apartamento, mais uma coisa que a Dr.<sup>a</sup> Susane não lhe dizia, porque essa mostra de respeito para comigo, essa solicitude que a Sharon acha que deve mostrar à patroa que chega tarde a casa e cansada, alumando com mil luzes a sua aparição, não se adequa nada ao meu espírito de frugalidade, de poupança, de temperança nos pequenos atos da vida quotidiana, não, Sharon, a sério, acenda só os candeeiros indispensáveis ao seu trabalho, eis o que a Dr.<sup>a</sup> Susane nunca, mas nunca lhe diria.

Sentia um tal carinho por Sharon, que essas pequenas irritaçõezinhas não lhe pareciam merecedoras de correr o risco de ver perpassar nos olhos da rapariga a sombra de uma desilusão ou de uma qualquer ansiedade.

Que Sharon pudesse temer o que quer que fosse da parte dela, eis o que afligia a Dr.<sup>a</sup> Susane.

Trabalho para si, Sharon, nunca lhe infligirei a mínima vexação e não lhe dou uma única ordem, dizia mudamente a advogada, com a esperança de que esses seus pensamentos caridosos, impetuosos, ardentes lhe saíssem

do espírito como ovos na desova: então, os pensamentos da própria Sharon, as suas emoções incognoscíveis, uniram-se às declarações silenciosas da Dr.<sup>a</sup> Susane e ela sentiria, porventura, esperança, resultado da fusão virginal, não expressa, da angústia e da confiança.

Nunca a desiludirei, Sharon, acredite que não, pensava intensamente a Dr.<sup>a</sup> Susane.

— Vou levá-la a casa — disse ela a Sharon.

Vendo-a subitamente inquieta, acrescentou:

— Como lhe disse ainda agora, o elétrico deixou de circular, os carris estão cobertos de gelo.

— Não pode ser, obrigada, vim de bicicleta e ela não cabe no carro — respondeu Sharon com veemência.

Porque é que Sharon lhe dava amiúde a impressão de não querer nenhum tipo de relação com ela fora daquele apartamento?

Pensaria ela, e teria ela receio (e, nesse caso, porquê?), que a Dr.<sup>a</sup> Susane desejasse ser sua amiga?

A Dr.<sup>a</sup> Susane não queria nada disso.

Mas aconteceu-lhe, uma vez, cruzar-se com Sharon e os filhos num hipermercado do Lac e o facto de Sharon, de maneira muito evidente, ter fingido que não a viu magoou-a.

*Sharon, não corre risco nenhum assumindo que me conhece, cumprimentando-me, apresentando-me os seus filhos que saem a si em graça e beleza, como poderia eu prejudicá-la, como poderia eu querer sujeitá-la a algum mal?*

*Não tenho interesse nenhum, Sharon, em a empregar, sai-me caro e não gosto de ser servida.*

*Quero simplesmente fazer o bem, Sharon, à minha maneira.*

A Dr.<sup>a</sup> Susane despiu o casaco constelado de gotas geladas e pendurou-o no cabide da entrada antes que Sharon pudesse pegar nele.

A rapariga, minúscula, estreita de rosto, de ombros, de ancas, como se tivesse decidido ocupar no mundo um espaço muito reduzido, levantou para a Dr.<sup>a</sup> Susane, que era alta e grande, imponente e segura, o seu olhar sombrio e doce, atormentado.

— Eu levo-a de carro — disse, prudente, a Dr.<sup>a</sup> Susane — e amanhã de manhã apanha o elétrico e vem buscar a bicicleta.

— Não! — gritou Sharon com uma espécie de desespero feroz, implacável, que desconcertou a Dr.<sup>a</sup> Susane. — Não me dá jeito — acrescentou, devagar —, mas obrigada, obrigada.

A Dr.<sup>a</sup> Susane levantou a mão, conciliadora e modesta, terrivelmente constrangida.

Depois, esquecido o embaraço (exceto o da advogada, cujo espírito peculiar tendia a fixar para todo o sempre o que não precisava nada de ser lembrado e a apagar as recordações mais agradáveis), Sharon assumiu uma voz alegre para descrever à Dr.<sup>a</sup> Susane o que fizera nas suas horas de trabalho, naquele apartamento da rua Vital-Carles, de aspeto imponente, é verdade (piso de madeira em espinha de peixe, lareira do século XVII, janelas altas de vidraças), mas com uma superfície medíocre, quarenta metros quadrados provavelmente roubados a um alojamento de monta que fora dividido, em tempos, para se vender melhor.

A Dr.<sup>a</sup> Susane sabia que não havia motivo nenhum racional para a presença em sua casa de uma Sharon enérgica, cheia de valentia e entusiasmo, decidida a provar que a sua força de trabalho era explorada de maneira útil, inclusive necessária.

A Dr.<sup>a</sup> Susane sabia que não precisava do vigor, da juventude, das aptidões de Sharon, sabia perfeitamente que

todas essas qualidades eram desperdiçadas em sua casa, onde não havia literalmente nada para fazer.

Mas como agir de outra maneira?

Tratava do processo de Sharon, do pedido de visto de residência para a família toda.

— Então, até amanhã — disse ela. — Obrigada, Sharon, vá com cuidado na bicicleta.

Pegou subitamente na mãozinha de Sharon, puxou-a para si e murmurou:

— Sabe uma coisa? Vou tratar de um processo muito importante. Uma mulher que matou os três filhos, todos pequenos, três crianças.

Sharon retirou a mão com um gesto brusco, ao mesmo tempo que um salto para trás a protegia da Dr.<sup>a</sup> Susane, do seu bafo, das duas declarações, do seu estranho impulso quiçá.

— Que horror — murmurou, com a voz cheia de repulsa e frieza.

E foi tão claro como se, fechando os olhos, tivesse tapado os ouvidos com as mãos e dito «ai, não quero ouvir mais nada!».

Virou-se, tirou o blusão do bengaleiro e baixou-se para enfiar as botas forradas de pelo.

A Dr.<sup>a</sup> Susane reparou, então, que a gola fina do blusão — demasiado leve, já agora, para o inverno — não protegia o pescoço muito fino, dourado e palpitante de Sharon.

Precipitou-se para o quarto, de onde voltou com um cachecol de caxemira cor de laranja.

A mãe da Dr.<sup>a</sup> Susane oferecera-lho e ela nunca o usara, demasiado insegura do seu próprio brilho para exibir aquele fogo todo ao pescoço.

Sem dizer nada, prendeu-a com um nó no pescoço de Sharon.

*Não lhe digo nada, Sharon, porque não quero que recuse o meu cachecol, não quero discutir consigo que pode apanhar frio esta noite, indo de bicicleta até Lormont.*

Sharon também ficou calada, submetendo-se como uma criança impotente condenada a sofrer a inexplicável violência dos adultos, e a Dr.<sup>a</sup> Susane sentiu ou julgou sentir sob os dedos, enquanto prendia as duas pontas do cachecol na nuca de Sharon, o frágil esqueleto da rapariga a tremer de susto ou de repulsa.

Se tivesse sido no dia anterior, teria ficado profundamente magoada.

*Que tenho eu, Sharon, que a impede de gostar de mim, enquanto a trato com o máximo respeito e me encarrego do seu processo com uma enorme generosidade, uma vez que não me pagará por esse trabalho? Não lhe passa pela cabeça, Sharon, que, para me ocupar do seu processo, eu podia ter exigido uma remuneração e a Sharon ficaria sozinha e desamparada, já que não tem dinheiro, se eu não me tivesse encarregado do seu problema e não me tivesse metido na sua vida? Como é possível não ter noção desta situação, Sharon? Como é que pode ser tão corajosa e insensível, meticulosa e ingrata, tão emotiva em geral e tão seca comigo? Não sou eu uma mulher como a Sharon?*

Sim, se tivesse sido no dia anterior, o comportamento de Sharon tê-la-ia afetado tanto, que ela teria comido com rancor e mágoa o jantar preparado pela sua empregada.

Teria engolido amargura, tristeza, um prato cheio de lágrimas, as suas, vergonhosas e humilhantes, incapaz de saborear os alimentos que Sharon sabia confeccionar de maneira extraordinária, demasiado perturbada até para se consolar pensando que Sharon não teria conseguido cozinhar daquela maneira para alguém que ela detestasse...

portanto, Sharon não podia detestá-la e a Dr.<sup>a</sup> Susane era parva e demasiado sensível.

Nessa noite, deixou calmamente que Sharon se fosse embora do seu modo furtivo, tenso, hostil, como se tivesse havido entre elas um grande conflito não debatido.

Fechou a porta e os seus pensamentos divagaram imediatamente para longe de Sharon.

Aqueceu o arroz frito, os camarões com gengibre, o porco salteado com alho e as cenouras bem tenras.

E tendo, concentrada em Principaux, esquecido Sharon, ou melhor, relegado Sharon para um canto da sua mente onde nada era especialmente importante, desfrutou do seu jantar como raras vezes acontecia.

Contudo, e apesar de normalmente dormir bem, acordou nessa noite com uma pergunta que não parava de atormentar: porque é que Principaux a procurara, de onde a conhecia?

Devia ver nessa escolha o desejo de Principaux de que a sua mulher fosse representada da melhor maneira possível ou, pelo contrário, a intenção pérfida de que a mulher não fosse lá muito bem defendida?

É que a Dr.<sup>a</sup> Susane só abrira o seu escritório de advocacia no ano anterior, tivera muito poucos clientes ainda, processos sem interesse nenhum.

Se estivesse na situação de Principaux, teria falado com o Dr. \* ou com o Dr. \*\*, que tinham fama de conseguir vitórias em processos difíceis, e nunca com a obscura Dr.<sup>a</sup> Susane, que, apesar dos seus quarenta e dois anos, podia ser considerada uma novata.

Qualquer advogado conceituado teria aceitado com prazer representar Marlyne Principaux, enquanto a Dr.<sup>a</sup> Susane, ciente da história, se teria contentado em sonhar com isso.

*Quem era Gilles Principaux para ela?*

Quem era a Dr.<sup>a</sup> Susane para Principaux?

Teriam, perguntava-se ela, as mesmas recordações ou nem ele nem ela eram a pessoa que cada um julgava recordar?

Pouco antes da alvorada, no momento de voltar a adormecer por duas escassas horas, surgiu-lhe a imagem da graciosa Sharon a pedalar em direção a Lormont pelas estradas cobertas de gelo, com pressa de chegar a uma casa onde ela era, segundo a Dr.<sup>a</sup> Susane percebera, o eixo em volta do qual tudo girava.

Não pôde, então, evitar a imagem de Sharon caída no chão, com sangue a escorrer-lhe do crânio e a impregnar-se no cachecol laranja que atestaria a brutalidade da Dr.<sup>a</sup> Susane, porque não teria uma patroa realmente atenciosa insistido para que a sua empregada ficasse ao abrigo da intempérie? Ter-se-ia ela dado ao trabalho de lhe apertar um cachecol ao pescoço para, na verdade, a instigar a aventurar-se nas estradas perigosas?

A Dr.<sup>a</sup> Susane virou-se várias vezes na cama.

Construía a sua própria defesa: eu queria que ela ficasse, sugeri-lho mais de uma vez, ela recusou com aquele ar de quem preferia morrer a...

Ninguém acreditaria numa versão dessas, ela enterar-se-ia, cogitou com um sentimento de tristeza e de inexperiência que lhe inundou os sonhos até amanhecer.

Às oito horas, estava novamente na rua, ainda de noite, a caminhar contra o vento glacial até ao parque de estacionamento de Tourny onde costumava deixar o carro.

A Dr.<sup>a</sup> Susane sentia um certo gosto em fazer chegar aos ouvidos dos seus amigos que se preocupava muito pouco com o estatuto social do seu automóvel, que não se

importava nada de conduzir um *Twingo* com vinte anos, todo amolgado, inclusive que tinha prazer em se mostrar indiferente a questões tão convencionais de prestígio.

A Dr.<sup>a</sup> Susane não desgostava que os amigos a imaginassem assim: livre, galhofeira, de espírito independente, esperando no seu íntimo que tais apreciações acabassem por a moldar, por a forçar a adaptar-se a elas e que, assim, se tornasse deveras uma mulher de charme discretamente excêntrico.

A Dr.<sup>a</sup> Susane sabia que, quanto a isso, inventava fantasias.

Sonhava ter posses para adquirir um belo, grande e faustoso automóvel.

Ganhara aversão ao seu bom velho *Twingo* e, ainda por cima, sentia que os pais não gostavam que ela andasse com um carro daqueles quando a queriam próspera, pois era assim que ela se lhes apresentava, que ela lhes contava a sua vida e as suas coisas (*ai, gostava tanto deles!*).

Os pais viviam em La Réole, onde a Dr.<sup>a</sup> Susane passara a infância e adolescência.

Se o Sr. Susane, empregado municipal, tinha ficado agradado por a sua filha única ter entrado na universidade, era porque, para ele, sempre fora evidente que ela seria funcionária pública, e o seu prazer, a sua delicada fanfarronice de homem modesto consistira em dizer a esse propósito:

— Um dia, ela será minha chefe no trabalho, vai dar-me ordens!

A Dr.<sup>a</sup> Susane sempre tivera a impressão de que o pai amável e querido não conseguia imaginar um sucesso mais deslumbrante do que ter uma filha a mandar no trabalho de homens como ele.

Enchia a boca para dizer, orgulhoso e humilde:

— Ela sabe mais do que nós.

Uma ambição mais vasta, confusa, dividida incitara a Sr.<sup>a</sup> Susane a acompanhar o mais perto possível os estudos da filha, encorajando-a, estimulando-a, apesar de a Dr.<sup>a</sup> Susane ter sofrido, em jovem, com a sua própria tendência para trabalhar de maneira excessiva, de não precisar absolutamente nada de incentivo nem de estímulo, de ter preferido que a apaziguassem, que contivessem o seu frenesim de trabalho, e as exortações da Sr.<sup>a</sup> Susane, a um tempo ternas, inquietas e caóticas (pois não era capaz de perceber o que estudava a filha, só conseguia vislumbrar tais coisas com um olhar estarrecido), tinham-na com frequência empurrado para a beira de um esgotamento nervoso.

A Dr.<sup>a</sup> Susane sentiu, então, com mágoa e angústia, que era por um triz (pelo seu amor infinito por eles, pelo seu orgulho?) que não caía naquilo que a mãe receava e tentava por tudo impedir: o abandono das suas grandes aspirações, o virar-se para um percurso medíocre, reconfortante, conforme ao seu destino social.

Ela amava-os tanto!

De uma maneira tão dolorosa, por vezes!

Eles compreendiam-na tão profundamente e, ao mesmo tempo, tão mal ao nível a que a Dr.<sup>a</sup> Susane desejava ser compreendida: nas suas fraquezas banais, que eles não viam, nos seus medos, que não conseguiam imaginar!

Ela amava-os tanto, de maneira tão dolorosa por vezes, que sonhava, angustiada, infeliz e culpada, com o desaparecimento deles!

É que os amava tanto, como é que podia não lhes mentir ou, pelo menos, não lhes apresentar uma versão

sedutora da sua vida, do mundo em geral, para lhes evitar a dor da verdade?

Quem eram eles, porém, dizia a Dr.<sup>a</sup> Susane para si mesma, para serem poupados à dor da verdade, para serem protegidos das suas diferentes ignorâncias, preguiças e outras complacências religiosas em relação à vida dura e verdadeira?

Por vezes, tinha rancor deles por serem aquele tipo de pessoas que precisavam de ser poupadas, protegidas do sofrimento simplesmente porque eram boas e emotivas.

*Deem abrigo ao meu coração inquieto, consolem-me, escutem as minhas queixas e saibam interpretar os sinais de uma angústia que me consome por dentro e que eu própria ignorava... ajudem-me, como fazem os pais vigilantes!*

Todos os pais atentos que a Dr.<sup>a</sup> Susane conhecia tinham sobre os seus filhos adultos um olhar destituído de ilusões.

Caminhavam junto deles, pragmáticos e corajosos, de braços sempre prontos para os amparar em caso de queda, todos os conselhos arrumados, e sem que houvesse lugar nenhum, nesse trato, para a desilusão, nem nos seus sentimentos, nem na sua expressão.

Enquanto ela, a Dr.<sup>a</sup> Susane, nunca se esquecia de que uma informação dita por distração diante deles, uma queixa, um desgosto banal podiam transformar os rostos deles, abertos e risonhos, cândidos e francos, em máscaras de ansiedade.

Era assim tão pouco razoável que ela sentisse impaciência e, logo de seguida, pena?

Ela reconfortava-os, pensando: quando é que serão vocês finalmente a reconfortar-me? Será mesmo amor impedirem-me, por me amarem, de vos confiar as minhas falhas?

Mas eles adoravam-na, ela sabia que sim!

Sentiriam eles de vez em quando, nesse seu amor incomensurável, o desejo de descansar desse mesmo amor, o desejo de que a Dr.<sup>a</sup> Susane desaparecesse?

Ela dizia para os seus botões que o teria compreendido perfeitamente.

Nessa manhã, uma manhã fria e ardente, rumando a La Réole numa autoestrada onde circulava uma grande quantidade de automóveis muito mais potentes do que o dela e tendo a impressão de ser obrigada a encolher-se toda na faixa da direita para os deixar exibir a sua autoproclamada preeminência, pensou uma vez mais que, não fosse aquele pormenor do carro que a impedia de fazer batota, o Sr. e a Sr.<sup>a</sup> Susane teriam estado dispostos a convencer-se de que a carreira da filha prosperava.

Ela podia contar-lhes o que quisesse.

Trabalhara num grande escritório de advocacia em Bordéus e, a seguir, decidira, havia dois anos, montar o seu, «lançar-se», como diziam os pais, sem fazerem a menor ideia do que deviam pensar acerca de tal iniciativa.

A Dr.<sup>a</sup> Susane sabia que eles se guiavam pelo carro.

Os modelos e a marca eram, para eles, a prova incontestável do êxito ou do fracasso de uma pessoa.

E tinham razão, tinham razão!

A Dr.<sup>a</sup> Susane envergonhava-se de querer mudar de carro.

Sentia, porém, que a estima que nutria por si mesma aumentaria, dado que os pais a amariam ainda mais.

Mesmo não sabendo nada, mesmo não compreendendo nada, eles viam bem no nevoeiro da sua reflexão: o escritório da Dr.<sup>a</sup> Susane não ia de vento em popa.

**Vencedora do Prémio Goncourt, Marie NDiaye ausculta, neste romance, as metamorfoses do Mal, dirigindo o foco para a anatomia de um crime atroz e para o enigma das razões humanas.**

«Não me interessas e já não tenho medo de ti. Não me interessas, já não me preocupo em saber quem tu és para mim. [...] Estás desfeito, lutei, venci, já não me dizes respeito.»

A Dr.<sup>a</sup> Susane — 42 anos, advogada em Bordéus — recebe a visita de Gilles Principaux, que lhe pede para representar a sua mulher, Marlyne, acusada de um horrendo homicídio. Susane julga reconhecer neste homem o rapaz com quem se cruzou certa tarde, décadas antes. Desse encontro, guarda a reminiscência difusa de uma paixão fulgurante, mas é incapaz de recordar o que aconteceu realmente naquele dia, naquele quarto. Quem é Gilles Principaux? Pai e marido dedicado, ou um homem manipulador e impiedoso?

*A vingança é minha* evoca a atmosfera tensa e a energia convulsa dos romances de Elena Ferrante, ou a densidade psicológica dos livros de Patricia Highsmith.. Propulsionado por uma inquietação nuclear, eis o retrato vívido de uma mulher enredada na incerteza da sua própria história: uma incerteza que ameaça precipitar a sua ruína.



**«Romance após romance, NDiaye vai construindo uma das obras mais fulgurantes da literatura francesa.»**

*Le Monde*

**«NDiaye é mestre em derrubar expectativas [...]. Uma prosa sensual e febril, que exige do leitor submissão aos sulcos da linguagem e ao avanço da narrativa.»**

*The New York Times Book Review*

**MELHOR LIVRO DO ANO:**

*The New Yorker* ★ *TIME* ★ *The Washington Post* ★ *The Guardian*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)  
f alfaguaraeditora  
penguinlivros

ISBN 9789897877575



9 789897 877575 >

**CNL**  
CENTRE  
NATIONAL  
DU LIVRE